

# A formação de valores e a questão ambiental

1

Marcos Cordioli  
[marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

Os conteúdos nas escolas brasileiras, geralmente, estão associados a saberes transmitidos e a habilidades de aprendizagem. As atividades docentes em sala de aula efetivam outros conteúdos, mas quer raramente são planejados ou registrados nos diários de classe. A formação de valores como de padrões de condutas estão, seguramente, entre estes conteúdos.

Os conteúdos curriculares, portanto, são mais amplos que as listas de saberes e temas de estudos presente na maioria das propostas curriculares e relatórios de classes dos professores. Os conteúdos são a “*porção da cultura escolarizada*”, sendo esta porção considerada relevante para a sociedade [Williams apud Veiga-Neto, 1995]. Assim, as ações docentes, além de constituir as condições para a aprendizagem abarcam as ações que resignificam valores, que experienciam sentimento, que modelo linguagens, processos cognitivos etc [Cordioli, 2004].

A legislação pedagógica brasileira pós-LDB-EN de 1996, tratou de parte deste problema na formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental [DCN-EN], instituída em 1998. No artigo Art. 3º inciso IV alínea b fixava as áreas de conhecimento e ainda determinava a necessidade de “Garantir a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio

ambiente, o trabalho, a ciência e a tecnologia, a cultura e as linguagens”

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental apresentadas a partir das DCN-EF institui a figura dos *temas transversais* (associada a formação de valores e padrões de conduta), modelo similar ao adotado no Estado Espanhol. Estas proposições passaram a compor dois campos de referencia para a organização do trabalho pedagógico (tanto de conteúdos como de planejamento e avaliação): um associado aos saberes e as aprendizagens e outro a formação de valores [Cordioli, 1999].

Os valores e padrões de conduta, no entanto, continuam excluídos como conteúdos com lógicas próprias que requerem planejamentos, processos e instrumentos avaliativos próprios e peculiares (embora presente na legislação e enfaticamente defendidos nas propostas pedagógicas das escolas). Estes conteúdos, acreditam as escolas, seriam efetivados como resultantes de processos de aprendizagens. E na prática, efetivamente, são promovidos pelas prelações constantes sobre os temas, pelos educadores e educadoras. A diversidade cultural parece ser a mais grave das situações, pois estudam as diferenças étnicas, a composição diferenciada da população brasileira,

Publicado como: CORDIOLLI, Marcos. A formação de valores e a questão ambiental. Curitiba, Revista Opet, mar. 2006.

---

Marcos Cordioli é historiador (UFPR) mestre em educação (PUCSP). Professor e conferencista. É produtor de cinema e estuda fotografia.

---

Contatos com o autor:

*email:* [marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

*fone:* +55 (41) 9962 5010

*home page:* <http://cordioli.wordpress.com>

*home page:* <http://>

[www.marcos.cordioli.sites.uol.com.br](http://www.marcos.cordioli.sites.uol.com.br)

*twitter:* <http://twitter.com/marcoscordioli>

*myspace:* <http://www.myspace.com/marcoscordioli>

[marcoscordioli](#)

*facebook:* [Marcos Cordioli]

**marcoscordioli**

*A Casa de Asterion*

---

novamente a mesma questão: são aprendizagens necessárias, porém não suficiente para a superação da discriminação e racismo (isto quando não ficam apenas em tópicos alegóricos como as contribuições de cada povo para a cultura brasileira, tais como as influências na língua, na culinária, na lavoura, etc).

A transversalidade, na prática, aparece ora como disciplina específica, ora como tema gerador ou ainda como problematização de projetos, mas, efetivamente, não é constituída práticas pedagógicas específicas voltadas para as mudanças de comportamento, em particular, da re-significação de valores e de padrões de conduta, ou seja, para realizar a transversalidade se faz necessário efetivamente mudar as pessoas [Cordioli, 2001].

A questão ambiental, tema deste ensaio, pressupõe a reflexão do modelo de sociedade em que vivemos (superação as populares de visões românticas na escola «de amor incondicional pela natureza») com a adoção de práticas concretas na vida cotidiana bem como ações políticas de grande envergadura. A formação de valores, na perspectiva da transversalidade, implica em práticas recorrentes e permanentes que mudem efetivamente a cultura dos educandos e educandas assim como das escolas que freqüentam [Cordioli, 2004]. Este tema transversal, no entanto, já produziu diversas experiências pedagógicas, cujo relato é impossível aqui, na forma e espaço que este breve ensaio permite, por isso, vamos abordar apenas a questão da reciclagem de lixo e materiais na escola, uma pequena, porém importante ação transversal.

A reciclagem de lixo e materiais escolares deve orientar as práticas seletivas no ambiente escolar, com a disponibilização nos pátios, secretarias e nas salas de aula

de múltiplas lixeiras. Os resultados da coleta seletiva devem ser divulgados especificando os volumes recolhidos bem como os estágios das metas que devam ser alcançadas com esforços coletivos. Esta é uma medida necessária, pois, geralmente, a escola indica aos educandos e educandas e as suas famílias a seleção de rejeitos domésticos, mas não o praticam na própria instituição.

O material coletado deve ser separado em duas partes. Uma parte é o do material que deverá ser enviado para estações de reciclagem (caso o município não possua coleta pública seletiva de lixo, podem ser fixados acordos com carrinheiros ou empresas especializadas).

A outra parte do material coletado seletivamente deve ser reutilizado na própria escola e para uso cotidiano. Na maioria das vezes o material reciclado (como garrafas tipo pet, latas e canudos de refrigerantes) é transformado em artesanato e, geralmente, descartados pelas famílias e acabam... no lixo (e o que é pior, muitas vezes no lixo comum). A escola deve adotar práticas como a reutilização de cartazes e folhas de papel (os cartazes que cumpriram o objetivo, ao invés de serem descartados, devem ser utilizados nas próximas atividades em seus versos, o mesmo pode ocorrer com as folhas de papel). Os porta-objetos (giz, lápis, papéis) podem ser construídos e utilizados nas salas de aula, pelos alunos com materiais reciclados; etc.

A segunda fase deve ser utilização adequada de produtos, como o uso intensivo (de lápis, canetas, folhas de papel e cadernos) e o uso racionado (de energia elétrica, água, guardanapos, descartáveis, etc.).

A escola ainda pode criar uma área de compostagem para rejeitos orgânicos (caso possua um espaço adequado

para esse fim) e o utilizar como adubo de jardins ou hortas ou até mesmo disponibilizar para as famílias da escola.

A transversalidade pressupõe realizar no espaço escolar aquilo que a escola propõe para vida em casa e na sociedade, simples, mas, infelizmente, pouco efetivado.

## Referências

CORDIOLLI, Marcos. A transversalidade na formação de valores e padrões de conduta: algumas problematizações a partir e para além dos PCNs. I Jornada Internacional de Educação da Bahia. Livro da Jornada.

Curitiba: Futuro, 2001.

CORDIOLLI, Marcos. Para entender os PCNs: os temas transversais. Curitiba: Módulo, 1999.

CORDIOLLI, Marcos. Reestruturação curricular: cultura e pertinência de conteúdos. Curitiba, Secretário de Estado da Educação do Paraná, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Culturas e currículo. Curso de extensão Teoria e Prática da Avaliação Escolar. Sertão (RS) UFRGS/ Conselho de Diretores das Escolas Agrotécnicas Federais, 1995. Consultado na Internet no site <http://orion.ufrgs.br/faced/alfredo/sertao.htm> em 20/12/1999.

---

## Nota do autor

O autor agradece:

1. a comunicação de erros.
2. opiniões sobre o texto, inclusive sobre passagens com redação inadequada.
3. o envio de textos dos leitores no qual o autor foi citado.

E-mail para contato: [marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

As publicações do selo A Casa de Asterion podem ser livremente copiadas digitalmente ou por fotocopiadoras. No entanto, não podem ser vendidos. Os autores disponibilizam estas publicações como esforço para a democratização da informação e do conhecimento.

**marcoscordioli**

*A Casa de Asterion*